



CAROLINA: MARIAS QUE NÃO SE CALAM

CAROLINA: MARIAS THAT DO NOT SILENCE

MUNIZ, Ana Guimarães Corrêa Ramos¹

SOARES, Alexsandro Rosa²

CALLAI, Cristiana³

RESUMO

Neste artigo contextualizamos a vida e as obras de Carolina Maria de Jesus, bem como cortejamos as suas palavras encharcadas do cotidiano vivido, inscritas no livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, publicado em 1960. Carolina é uma personalidade feminina importante da Literatura Brasileira por se contrapor aos arquétipos estabelecidos pelo âmbito social em relação às personalidades literárias tidas como canônicas. A obra foi inspiração para jovens do Ensino Médio que, impactados pela vida de Carolina, traçaram suas histórias em escritas-resistências.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita; Literatura; Resistência.

ABSTRACT

In this article we contextualize the life and works of Carolina Maria de Jesus, as well as court her soggy words of everyday life, inscribed in the book *Child of the Dark: the Diary of Carolina Maria de Jesus*, published in 1960. Carolina is an important feminine personality of Brazilian Literature for opposing the archetypes established by the social sphere in relation to the literary personalities considered canonical. Her work was an inspiration for high school students who, impacted by the life of Carolina, traced their stories in writing and resistance.

KEYWORDS: Writing; Literature; Resistance.

¹ Mestranda em Ensino na Universidade Federal Fluminense (UFF). Santo Antônio de Pádua, RJ, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8304-2403>. e-mail: ana.ramos@iff.edu.br

² Mestre em Letras pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). Professor de Língua Portuguesa e Literaturas da Secretaria de Estado de Educação (SEEDUC). Itaperuna, RJ, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8129-3834>. e-mail: alexsandro.soares@gmail.com

³ Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação, Professora do Programa de Pós-graduação em Ensino. Universidade Federal Fluminense (UFF) / Instituto do Noroeste Fluminense de Ensino Superior (INFES). Santo Antônio de Pádua, RJ, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8721-9184> e-mail: criscallai@gmail.com



MARIAS QUE NÃO SE CALAM

No ano de 1859, a escritora Maria Firmina dos Reis quebra os parâmetros sociais e literários da época publicando o romance *Úrsula*, considerado por pesquisadores como a primeira obra a retratar, na Literatura Brasileira, a escravidão sob o ponto de vista dos escravos. Tendo como enredo uma trágica história de amor entre dois jovens, a obra revela questionamentos importantes e audaciosos sobre o contexto de vida dos africanos no Brasil, diante das atrocidades por eles vividas. Contudo, a escritora foi esquecida por décadas, pela subjugação feminina da época, quando não se concebia que uma mulher pudesse ter direitos, nem mesmo que publicasse um livro.

Com o passar do tempo, na década de 1960, a nação brasileira vivia um contexto político, econômico, histórico e cultural muito tenso, tendo em vista a crise política e um cenário marcado por muita luta e tragédia. Na literatura, continuava a predominância de uma elite canônica, masculinizada e branca, características essas que perduram na contemporaneidade, conforme destaca Dalcastagnè (2007):

Tal como outras esferas de produção de discurso, o campo literário brasileiro se configura como um espaço de exclusão. Nossos autores são, em sua maioria, homens, brancos (praticamente todos), moradores dos grandes centros urbanos e de classe média – e é de dentro dessa perspectiva social que nascem suas personagens, que são construídas suas representações (DALCASTAGNÈ, 2007, p. 18).

Neste contexto, pensar na afrografia feminina é um ato de resistência, é pensar um movimento que desafia as representações convencionais sob a perspectiva do que se considera enquanto cânone ou literatura legitimada. Para esta reflexão, pode-se afirmar que, tal qual Maria Firmina dos Reis, a escritora Carolina Maria de Jesus também foi uma mulher à frente do seu tempo.

Mulheres como Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus apresentam-se, por meio de suas escritas, como resistência à desfavorável situação em que vivem. Elas são sobreviventes em uma sociedade capitalista e subsistem às adversidades do preconceito racial e das condições socioeconômicas através de uma arte: a de escrever.

Partimos do pressuposto que Carolina Maria de Jesus foi a primeira escritora a deslocar-se da periferia literária alçando o seu lugar de fala e irrompendo no espaço editorial, até então, dominado pela burguesia. Carolina é uma personalidade feminina importante da Literatura Brasileira por se contrapor aos arquétipos estabelecidos pelo âmbito social, em relação às personalidades literárias tidas como canônicas.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2019.43135

Pensar que uma mulher negra, semialfabetizada, com nenhum poder aquisitivo, que sobreviveu por meio de seus esforços, inclusive físicos, e criou sozinha seus três filhos poderia tornar-se autora na década de 1960 era quase inadmissível, uma vez que ela, Carolina, não fazia parte do perfil idealizado dos grandes autores literários, até então reconhecidos.

Em sua obra, *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), por intermédio do seu relato memorialístico e sequencial, a autora imprime a sua denúncia contra a fome, a miséria, a violência, a discriminação, a marginalização e a opressão aos excluídos. Por falar de questões tão cotidianas, sua escrita tende a aproximar os leitores por relatar, de forma direta, seus pensamentos críticos sobre temas variados.

Carolina Maria de Jesus também é autora de *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961), *Pedaços da fome* (1963), *Provérbios* (1963), *Diário de Bitita* (1982), *Meu estranho diário* (1996), *Antologia pessoal* (1996) e *Onde estaes felicidade?* (2014), sendo as quatro últimas obras póstumas. A escritora apresenta, em suas obras, comoventes relatos de sua vida cotidiana como moradora em uma favela, catadora de papel, mãe solo e as agruras de ser negra em um país marcado em sua história por um longo período escravagista.

O jornalista Audálio Dantas foi uma das figuras mais importantes na vida da escritora Carolina Maria de Jesus, afinal, reconheceu a qualidade literária presente nos manuscritos dela e a apresentou ao cenário jornalístico e literário da época. Conforme revelam Levine e Meihy (2015),

Em 1958, fragmentos de seu *diário* chamaram a atenção de um jovem jornalista, Audálio Dantas, que a ajudou a publicá-lo. Colocado comercialmente no mercado, em um curto e fulgurante espaço de tempo ela se tornou uma celebridade internacional, ocupando lugar de realce na história editorial brasileira, latino-americana e até mundial. Sem dúvida, um fenômeno. Seu sucesso editorial era reverso da rotina que até então enfarava-se em biografias de figuras notáveis, de heróis fantásticos e mágicos viajantes alienados de uma realidade brotada da guerra fria e da aflição do progresso (LEVINE; MEIHY, 2015, p. 19).

Estes fragmentos citados compuseram o *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, que, indiscutivelmente, é a obra mais reconhecida da autora, traduzida para mais de 40 países e sendo referência na atualidade, nas listas dos vestibulares de grandes universidades públicas, como a Universidade Estadual de Campinas, a Universidade Estadual do Centro-Oeste, a Universidade Federal de Santa Catarina, a Universidade do Estado de Santa Catarina e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2019.43135

A obra-prima revela, no seu bojo, o descontentamento de uma mulher negra, marginalizada, que não se acomodou diante de tantas adversidades. Ao contrário, Carolina buscou caminhos, através de andanças, catando papel e restos de comida para o seu sustento e dos seus três filhos: João José de Jesus, José Carlos de Jesus e Vera Eunice de Jesus Lima.

Com textos curtos, com o uso de uma linguagem informal, a autora testemunha a própria vida valendo-se de um descritivismo, narrando o cotidiano de um povo que não somente vive à margem, mas vivencia contextos marginais (social, editorial e jurídico). Além de todo ar melancólico em que o texto está envolto, há uma docilidade nas palavras que retratam as lembranças memoradas por Carolina.

Carolina relata a vida do trabalhador pobre que tem dificuldade de encontrar trabalho, seus medos diante dos acontecimentos no mundo, lugar onde os seres humanos matavam-se com canhões e bombas dinamites, o que nos faz refletir sobre nosso tempo atual. Conta também sua empolgação com a possibilidade da mulher comandar o mundo, bem como seu desejo de realizar o mesmo. Em contrapartida, ela fala da vulnerabilidade feminina, quando mulheres choram e sofrem pelo mesmo homem.

No diário, é possível perceber que a escritora tinha grande admiração pelo tema abolição e por abolicionistas, como o poeta Castro Alves, José do Patrocínio, Rui Barbosa, entre outros. Em um dos seus manuscritos, exatamente no dia 13 de maio de 1958, dizia sobre a abolição da escravatura: "Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a liberdade dos escravos" (JESUS, 1960, p. 27).

A felicidade de ter liberdade era interrompida pela fome. Carolina Maria de Jesus acreditava que "a fome também é professora". Observa-se, através da leitura de sua obra, que é recorrente a ausência de alimentos. Neste sentido, a autora narra sua luta contra a fome e a escravatura:

Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos. E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome! (JESUS, 1960, p. 27).

A ânsia por saciar sua fome fez com que a escritora, semialfabetizada, utilizasse seu conhecimento como forma de poder e ascensão. Essa ascendência social foi buscada por ela desde a sua infância. Mesmo com pouco estudo formal, a escritora era crítica e politizada. Catadora de papel, lia o que encontrava para conseguir escrever sua própria história.



Escreveu a fome, de forma poética e com muita criticidade. Na escrita de Carolina Maria de Jesus, percebe-se uma relação intrínseca entre corpo cansado com as asperezas da vida e a luta pela sobrevivência no cenário de caos vivido por ela.

19 de maio: Deixei o leito as 5 horas. Os pardais já estão iniciando a sua sinfonia matinal. As aves deve ser mais feliz que nós. Talvez entre elas reina amizade e igualdade. (...) O mundo das aves deve ser melhor do que dos favelados, que deitam e não dormem porque deitam-se sem comer (JESUS, 1960, p. 30).

12 de junho: Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa a pensar nas misérias que nos rodeia. (...) Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. (JESUS, 1960, p. 52)

Afirmou ainda que “[...] O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. [...] Quem passa fome aprende a pensar no próximo e nas crianças” (JESUS, 1960, p. 26), comentário desferido após ser intimada a comparecer na delegacia para tratar de um possível desvio de conduta de um de seus filhos.

Carolina descreve também um corpo social quando desenvolve uma narrativa que contempla a favela, os políticos e o povo em um tom de revolta. A crítica forte sobre a favela como um lugar onde as chamadas minorias sociais eram jogadas à margem e tinham a possibilidade de sobreviver traz à tona diversas reflexões sobre o contexto periférico da época, que se estende à atualidade, tendo em vista que ainda hoje a favela é vislumbrada, erroneamente, como um lugar apenas atulhado de pobreza e violência. Segundo afirmam Levine e Meihy (2015),

Carolina Maria de Jesus nunca se conformou com os privilégios e com as prioridades do desenvolvimento econômico que implicavam maior pobreza para o país e fortalecimento de grupos de poder já garantido. Orgulhava-se, por exemplo, de poder afirmar que nunca havia se casado por não aceitar sequer a dependência econômica de um homem (MEIHY; LEVINE, 2015, p. 21).



A autora concebia que viver na favela era, além de estar à margem da sociedade, conviver com adversidades no que tange à solidariedade e à comunidade, o que provoca o anseio da escritora por sair daquele lugar:

Estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui. Espero que os políticos estingue as favelas. Há os que prevalecem do meio em que vive, demonstram valentia para intimidar os fracos. Há casa que tem cinco filhos e a velha é quem anda o dia inteiro pedindo esmola. Há as mulheres que os esposos adoecem e elas pensando da enfermidade mantem o lar. Os esposos quando vê as esposas manter o lar, não saram nunca mais (JESUS, 1960, p. 17-18).

Carolina Maria de Jesus também definia a favela como um espaço ruim para criar e educar os filhos. Afirmava que

[...] a favela é o *quarto de despejo* de São Paulo. É que em 1948, quando começaram a demolir as casas terreas para construir os edifícios, nós os pobres que residiamos nas habitações coletivas fomos despejados e ficamos debaixo das pontes. É por isso que eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós os pobres somos os trastes velhos (JESUS, 1961, p. 17).

Com esta obra, a escritora alçou a tão almejada ascensão e conquistou alguns de seus sonhos. A autora foi (re)conhecida na sociedade e tornou-se a poeta dos pobres. Contudo, sua fama, dinheiro e status social não foram tão longos, afinal, ela era uma mulher que tinha resquícios da periferia e que fazia crítica aos governantes e à sociedade mais privilegiada.

5 DE JUNHO: [...] Mas eu já observei os nossos políticos. Para observá-los fui na Assembleia. A sucursal do Purgatorio, porque a matriz é a sede do Serviço Social, no palacio do Governo. Foi lá que eu vi ranger de dentes. Vi os pobres sair chorando. E as lagrimas dos pobres comove os poetas. Não comove os poetas de salão. Mas os poetas do lixo, os idealistas das favelas, um expectador que assiste e observa as tragedias que os politicos representam em relação ao povo (JESUS, 1960, p. 47).

Carolina tinha atitudes diferentes daqueles que viviam ao seu redor na favela. Utilizava de todo o conhecimento adquirido e falava muito bem. Isso provocava o seu distanciamento dos vizinhos.



Eu percebo que se este Diário for publicado vai maguar muita gente. Tem pessoa que quando me vê passar saem da janela e fecham as portas. Estes gestos não me ofendem. Eu até gosto porque não preciso parar para conversar (JESUS, 1960, p. 69).

No outro dia encontraram o pretinho morto. [...] Não trazia documentos. Foi sepultado como um Zé qualquer. Ninguém procurou saber seu nome. Marginal não tem nome (JESUS, 1960, p. 167).

27 de maio: [...] Percebi que no Frigorífico jogam creolina no lixo, para o favelado não catar a carne para comer. Não tomei café, ia andando meio tonta. A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele de cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estomago. Comecei sentir a boca amarga. Pensei: já não basta as amarguras da vida? Parece que quando eu nasci o destino marcou-me para passar fome. [...] (JESUS, 1960, p. 39-40).

É possível perceber que na sua escrita literária, as referências ao corpo são demarcadas por aspectos relacionados à fome, marginalidade, cansaço e resistência. As necessidades sofridas no âmbito da favela e as questões peculiares que a incomodavam eram sempre relatadas. A violência, também é uma temática recorrente no diário da escritora.

AS VOZES DA ESCRITA DE CAROLINA

O *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* foi apresentado, de maneira informal, a três jovens do 1º ano do Ensino Médio, de uma instituição pública de ensino, afinal, Carolina faz-se um símbolo de alteridade e força. Em seu diário, a mesma declara:

[...] eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta. [...] O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém (JESUS, 1960, p. 64-65).



A escrita de Carolina é marcada por uma identidade, negra, cuja característica marcante é a resistência. Ela nos convida a enxergar aquilo que seus olhos enxergavam: a beleza onde reside o preconceito. Diante de toda dor e enfrentamentos, ela nos proporciona uma visão crítica da realidade e nos chama à reflexão acerca de questões atuais comumente banalizadas. O convite de Carolina não poderia ser negado e Rita⁴ aceitou a invitation.

Rita traz as marcas dos preconceitos que a constituem. As mesmas marcas a empoderaram. Ao receber o diário de Carolina, Rita mostrou, após uma leitura rápida inicial, um sentimento de empatia. Carolina a representava. Carolina conversava com ela. As duas, Carolina e Rita, se entenderam. E, assim como Carolina, Rita escreveu. Talvez, as motivações das duas tenham sido distintas, mas a vontade de escrever as aproximou. Carolina escreveu para o mundo. Rita escreveu para Carolina⁵.

Dona Carolina,

Fui apresentada à senhora pela minha querida professora Ana. Eu fiquei muito feliz quando recebi o convite para poder estar lendo seu livro com ela. Quero que a senhora saiba que a cada página que eu tenho a oportunidade de ler, me deixa cada vez mais orgulhosa de ser uma menina negra. Hoje eu tenho a senhora como uma referência que levarei comigo para o resto da vida. Eu fico pensando como uma senhora tão simples pode ser tão forte a ponto de escrever e dar cor à fome. Uma simples catadora para alguns, mas para mim, uma grande e maravilhosa musa. Fico muito triste ao pensar que muitas meninas negras não tiveram a mesma oportunidade de conhecer a senhora. Você tem uma força de vontade de lutar pela vida, pela necessidade de escrever de uma forma tão marcante. Quero agradecer a você por me inspirar a contar um pouco da minha história.

Meu nome é Rita e tenho 15 anos. Sou uma adolescente negra e pobre. Quero começar falando sobre a primeira vez que passei por uma situação de preconceito, assim como você passava. Eu tinha acabado de ir para a 3ª série do Ensino Fundamental e também foi meu primeiro ano como estudante no turno da manhã. De imediato, percebi olhares: eu era a única menina que tinha o cabelo crespo. Eu tentei fazer amizades, mas as meninas me tratavam diferente. Eu não entendia o porquê de me tratarem daquele jeito. Eu voltei para casa triste, mas logo coloquei um sorriso falso de alegria, pois eu não

⁴ Optamos pelo uso de pseudônimos a fim de resguardarmos as identidades dos alunos autores. Todavia, é interessante ressaltar que cada um escolheu o próprio nome aqui apresentado.

⁵ Transcrevemos aqui o que os alunos autores nos entregaram em mãos.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2019.43135

queria que minha mãe ficasse preocupada ou que ficasse triste porque ela tinha que cuidar do meu irmão, que estava doente. Naquela noite, eu chorei sozinha. Fiquei me perguntando o que eu tinha feito para ser tão rejeitada. Depois de alguns dias, eu passei a ser amiga dos meninos. Eu fiquei tão feliz!

Até que um dia, na hora do recreio, um grupo de alunos da minha sala fizeram uma roda em volta de mim e começaram a me xingar de "boba", "burra", "menina da roça" e "neguinha". Eu escutei tudo calada, até que eu não aguentei e gritei: "Chega! Eu não aceito isso! Eu sou linda!".

Aquelas palavras foram como facadas em meu coração. Foi uma dor muito grande. Voltei para casa, mais uma vez, com um sorriso falso. Deitei na minha cama e chorei de raiva. Eu afogava minha cabeça no meu travesseiro, tentando esquecer. Naquela noite, eu me tornei uma menina forte que não aceitaria ser desrespeitada. No outro dia, todos me pediram desculpa e eu desculpei todos. Hoje eu sou amiga de muitos deles. Hoje eles são pessoas melhores.

Uma outra situação, Dona Carolina, foi uma vez em que estava eu e duas amigas brancas. Estávamos passando em frente a um estabelecimento, onde eu parei e pedi para uma das minhas amigas para entrar na loja e comprar bala. Eu dei o dinheiro para ela e fiquei do lado de fora. Quando a moça da loja me viu na porta, falou para minha amiga me avisar que ela não vendia para "gente como eu". Minhas amigas só me falaram aquilo depois. Eu fiquei tão triste! Eu só queria comprar uma bala! Eu também sou gente!

Eu voltei para casa indignada. Dessa vez, eu não chorei. Eu disse para mim mesma que eu era forte e que eu também era gente. Depois de uma semana, eu contei para minha mãe. Ela ficou indignada e disse que iria à loja comigo para resolver. Pedi para minha mãe deixar aquilo de lado porque aquilo tudo me deixava muito triste.

Obrigada, Dona Carolina, pela força e por me ajudar a colocar tudo isso no papel. Eu me libertei.

Rita

Rita é sensível às questões colocadas por Carolina e vê Carolina como deseja ser vista: "como gente". A história de Rita traz à tona o sofrimento de uma adolescente diante de situações de racismo. A história de uma pequena grande menina, que corre para o travesseiro, seu melhor amigo, para chorar lágrimas escondidas. É sobre o mesmo travesseiro que Rita decide não permitir ser tratada como "não-gente". As duas, Carolina e Rita, compartilham a sensação de liberdade que os sentimentos colocados no papel podem proporcionar.



Assim como Rita, James, estudante da mesma turma, também foi impactado pela escrita de Carolina. Ao ver a amiga falar sobre um diário que lia, James quis saber o que aquela “tal Carolina” falava e entendeu que o diário não se resumia a simples relatos do cotidiano de uma mulher, mas de um ato de honestidade de Carolina.

James, alvejado pelas palavras cruas de Carolina, escreveu honestamente, num momento de dor. Uma afinidade entre Carolina e James se manifestou: a possibilidade de ver a escrita como saída para uma experiência catártica, a tradução de sentimentos em linguagem escrita.

Um enclausurado liberto

A minha vida começou a mudar quando eu tinha 13 anos. Algo estava fora do lugar. Sonhos recorrentes com a mesma pessoa me faziam sentir pavor de mim mesmo. Eu não sabia o que era e tinha medo de descobrir. Eu era apenas mais um dos milhares de jovens se descobrindo.

No ano seguinte, tudo começou a crescer. Esses sentimentos ficaram mais fortes. Eu já tinha idade suficiente para entender o preconceito das pessoas de fora e de dentro de casa. Eu passei a me reprimir mais e me via obrigado a fazer isso, por mais que eu não quisesse. As coisas só pioraram.

Eu passei a ouvir na sala de aula piadas do tipo “Vem cá, viadinho!” e “Seu monstro!”. No fundo, eu acho que concordava com eles: eu era apenas um patinho feio em meio a tantos outros perfeitos.

Eu chegava à minha casa com um sorriso para não demonstrar o que eu realmente sentia. Meu travesseiro era meu único amigo, era ele que enxugava minhas lágrimas, lágrimas essas que muitas vezes eu chorei por ouvir que aquilo era patético, era coisa do diabo, que Jesus não ama quem era “daquele tipo”.

Eu me questionava por que isso acontecia comigo e meus questionamentos só aumentavam através do que eu ouvia das pessoas. Eu me matava, mas por dentro minha vontade era de perguntar se alguém escolhe ser julgado na rua, ser reprimido como eu era ou, pior que isso, ser agredido até a morte.

Uma nova escola apareceu. Uma nova chance de ser aceito finalmente do meu jeito. As coisas começaram gradativamente, como devem ser: sem humilhação. Eu fui aceito na turma, sem julgamentos, nem perguntas desconfortáveis.



Com o passar dos meses, eu fui conhecendo gente como eu: seres humanos que compartilhavam do mesmo sentimento. Então, eu fui aceito! Finalmente, eu poderia compartilhar com alguém o que eu temia e o que sentia. Mais do que isso: eu ganhei verdadeiros amigos, que estão ao meu lado em qualquer hora que eu precisar.

Eu tenho um mundo para conquistar e vou conseguir.

James

James inicia sua escrita com um título extremamente simbólico: *um enclausurado liberto*. Ainda que soe paradoxal, ele retrata a vida de um jovem que sofre, assim como Carolina Maria de Jesus, a angústia de ser "o outro". Rickes (2002) afirma que a escrita trabalha a falta que constitui o sujeito. Ela, a escrita, não faz outra coisa senão revelar tal falta. O fio discursivo é tecido na escrita de Carolina, que precisa escrever para conseguir viver, precisa escrever para tornar-se vista, uma vez que todos os adjetivos a ela dados a invisibilizavam. James escreveu porque precisou. Alvo de preconceitos, James apresenta-nos conceitos que precisam ser revistos. Assim como Rita e Carolina, James também "é gente".

Amiga de Rita e James, Isabel também conheceu Carolina. Isabel é muito quieta e demonstra dificuldade com as palavras. A gagueira apareceu nos momentos em que as palavras precisavam ganhar volume. Quando ouviu a escrita de Rita e James, ela chorou. Chorou e disse que também tentaria escrever, apesar de achar que não conseguiria (verbo muito utilizado por ela) colocar em palavras a quantidade de sentimentos e sensações que tinha.

Fico observando como as pessoas são. Algumas são fracas a ponto de não conseguirem dizer "Chega!". Aquelas que eu mais observo e admiro são as pessoas fortes, aquelas que apesar de passarem por vários problemas, várias angústias, são capazes de dizer "Chega! Eu consigo superar isso! Eu sou capaz!".

Eu me considerava uma pessoa fraca, uma pessoa incapaz de dizer que conseguia superar os problemas, uma pessoa que encontrava as piores maneiras possíveis para aliviar o que estava sentindo. Hoje em dia eu me considero uma pessoa forte. Não muito forte, mas me considero forte.

Graças ao livro de Carolina Maria de Jesus, eu percebi que existe uma forma melhor e mais saudável de aliviar o que estou sentindo. Hoje eu vejo o papel como meu melhor amigo. Sei que ele nunca vai me julgar, ele sempre vai ser grande o suficiente para poder caber as minhas palavras e sempre vai tentar ser forte para suportar minhas lágrimas.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2019.43135

Cada pedaço que eu lia do livro de Carolina era uma lágrima que corria no meu rosto. Isso acontecia porque, de alguma maneira, eu conseguia me identificar com ela. Não sei explicar o motivo, mas eu conseguia sentir tudo aquilo que ela passou. Parece que fazia com que a dor dela se tornasse a minha e, através dessa dor e da leitura do seu livro, eu consegui perceber que o papel é o meu melhor amigo.

A história dela é muito bonita, apesar de não ter um final feliz. Ela era uma mulher forte. Eu queria ter essa força que ela tinha, queria ser forte o bastante a ponto de dizer que eu sou capaz de superar todos os meus problemas, todas as minhas dores. Eu sou forte apenas para conseguir dizer que "eu tento", mas não sou forte a ponto de dizer "eu consigo, eu consegui".

Queria poder entender por que as coisas acontecem tão de repente na vida da gente. Tem hora que a gente tem tudo: dinheiro, família, amigos... E, num piscar de olhos, a gente perde tudo. Teve uma época da minha vida que eu achei que iria perder tudo o que mais importava para mim. Eu vi as três mulheres que eu mais admirava sofrerem e eu não conseguia fazer nada, eu não era forte a ponto de dizer ia ficar tudo bem com elas, eu não tinha forças para poder ajudar.

Acho que por conta disso tudo ter acontecido comigo, eu gostei muito do livro da Carolina, pois apesar de tudo de ruim que ela passava, ela era forte a ponto de suportar tudo. Eu admiro muito essa qualidade que ela tinha.

Isabel

Força: característica enaltecida por Isabel. A mesma característica é vista, por Isabel, como peculiar a Carolina, mesmo que Carolina, em sua escrita, mostre suas fraquezas. Carolina deu à Isabel um melhor amigo: o papel.

A escrita de Rita, James e Isabel não é outra coisa senão uma escrita de si. Uma escrita carregada de simbolismos, uma costura de retalhos únicos e preciosos. Num universo de palavras ecoantes, Carolina Maria de Jesus e seus três encantados leitores revelam-se, emancipam-se, transformam a linguagem interna em linguagem da expressão.

Existe um "nós" neste momento. O espaço da escrita é povoado por "eus" e "vocês". A interação com a escrita de Carolina foi inevitável. A voz retumbante da década de 60 continua a falar. Fala e dá espaço a outras falas, como as de Rita, James e Isabel.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2019.43135

Quantas outras mulheres escrevem e nos permitem respirar, suspirar fundo após a ingestão de cada letra alimentar? Rita, James e Isabel, depois de alimentados, traduziram suas experiências em palavras, tornando-as tangíveis, tornando-nos sensíveis. Carolina é uma Maria que não se calou diante dos imbróglis da vida, das injustiças vividas. Carolina é uma Maria que ainda fala, sua voz ressoa, voa por ares continentais, provoca redemoinhos por onde passa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escritas resistências. Existências. Visibilidades dos corpos. Escritas e vísceras expostas. Vozes que não se calam e fazem germinar a arte da escrita. As agruras da vida são inscritas no papel.

Carolina faz ecoar vozes. Angela Davis, filósofa norte-americana, fala às pessoas que ocuparam o auditório da Universidade Federal da Bahia, em julho de 2017: "Quando a mulher negra se movimenta, toda estrutura da sociedade se movimenta com ela". Carolina se movimentou e nos movimenta. As suas palavras afogueadas não foram apagadas, incendeiam nossos corações, que tomam nossas mãos emprestadas para dar forma ao que nos toca através da sua escrita.

Falar sobre Carolina é não se apegar a formalidades, afinal, a própria "poetisa negra", como a mesma se apresentava, desconstrói a chamada intelectualidade acadêmica. Em um universo de histórias comuns, uma mulher conta sua história, que correu o mundo e chegou a nós. O *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* reverberou, alcançou outros e alçou voos.

REFERÊNCIAS

DALCASTAGNÈ, Regina. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 42, n. 4, dez 2007, p. 18-31.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 1960.

LANDOWSKI, Eric. *Presenças do Outro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

LEVINE, Robert M.; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. 2. ed. Sacramento: Bertolucci, 2015.



RICKES, Simone Moschen. *A escritura como cicatriz*. In: *Educação & Realidade*. Porto Alegre, n. 27, jan/jun 2002, p. 51 - 71.

Recebido em 03 de junho de 2019.

Aceito em 13 de agosto de 2019.



A e-Mosaicos Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ) está licenciada com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).

Os direitos autorais de todos os trabalhos publicados na revista pertencem ao(s) seu(s) autor(es) e coautor(es), com o direito de primeira publicação cedido à e-Mosaicos.

Os artigos publicados são de acesso público, de uso gratuito, com atribuição de autoria obrigatória, para aplicações de finalidade educacional e não-comercial, de acordo com o modelo de licenciamento Creative Commons adotado pela revista.